

Temporada 2021/2022 - Mundos

Dança/Música

Sáb e Dom, 19h00

Grande Auditório

M/6 anos

19 –20 mar
2022



Companhia
Clara Andermatt
Pantera

CCB

Ideia da homenagem **Darlene Barreto**

Direção artística **Clara Andermatt**

Criação **Clara Andermatt, João Lucas**

Assistência à criação **Felix Lozano, Amélia Bentes**

Participação especial **Mayra Andrade**

Intérpretes **Avelino Chantre (Avê), Bruno Amarante (Djam Neguin), Diogo Picão Oliveira, Domingos Sá (Kabum), Jorge Almeida, José Cardoso (Zeca), Nickita Bulú, Sócrates Napoleão**

Desenho de Luz **Nuno Meira**

Figurinos **José António Tenente**

Espaço cénico **Artur Pinheiro**

Desenho de som e operação **Ricardo Figueiredo**

Operação de iluminação **Manuel Abrantes**

Vídeo e *making of* **Catarina Alves Costa**

Produção **Helena Menino, João Albano Fernandes, Andreia Cordeiro (Estagiária) / Companhia Clara Andermatt**

Apoio à produção **Linha de Fuga, Jasper Walgrave**

Parceiro Institucional **República Portuguesa - Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes**

Coprodução **Fundação Centro Cultural de Belém, Teatro Municipal do Porto, Cine-Teatro Louletano**

Residências de coprodução **O Espaço do Tempo, Musibéria**

Parceiros na residência de pesquisa em Cabo Verde **Instituto Camões, Cooperação Portuguesa em Cabo Verde, Centro Cultural Português na Praia, Câmara Municipal de Santa Catarina**

Parceiro de comunicação **Antena 2**

Apoio à transcrição do arquivo audiovisual **Universidade de Aveiro**

Apoios e agradecimentos **Darlene Barreto, Andreia Falcão Mendes, João Branco, Bob Mascarenhas, Raiz di Polon, Estúdio Gota D'Arte, Teatro do Bairro, Centro Cultural de Cabo Verde em Lisboa, Interpress - Hub Criativo do Bairro Alto**

Fotografias © **Vitorino Coragem**

Canções de Orlando Pantera que integram o espetáculo

Lapidu na bo

Siré

Sukundida

Tabanka

Batuko

I am a professional

(coautoria João Lucas)

Regasu

Vazulina

Ninha

Rabidanti

Dispidida

Companhia Clara Andermatt *Pantera*

O músico e compositor Orlando Barreto, mais conhecido como Pantera, nasceu na ilha de Santiago, Cabo Verde, em 1967 e deixou-nos aos 33 anos. A sua filha Darlene – que tinha apenas 6 anos à data de falecimento de seu pai – tem levado a cabo, nos últimos anos, uma profunda pesquisa sobre a vida e obra de Pantera; foi nesse contexto que nos lançou o desafio de lhe fazer uma homenagem. Pantera abriu novos caminhos na música do seu país. Na sua voz pulsava Cabo Verde e as suas gentes: explorando as formas da tradição, fazia brotar uma poesia repleta de amor, perspicácia e assertividade.

Sobre esses traços encontramos a nossa própria visão, através das vivências que pudemos partilhar com ele, como amigo e como artista. Para além deste reencontro no reviver da sua criatividade e do seu afeto, seguimos um caminho de exploração, mergulhando na sua terra, costumes e cultura, não deixando de as projetar num mundo contemporâneo onde ele também se posicionava. Este é, assim, um espetáculo construído nas andanças da memória. E é, sobretudo, uma intensa e dinâmica experiência de colaboração. Cada um dos intérpretes estabelece uma relação pessoal no relembrar da sua própria experiência e devolve-nos uma riqueza criativa que se converte no valor e no sentido desta homenagem. Entre o muito que ficou por fazer e o muito que ficará por dizer, este é o nosso recado para o Pantera.

Clara Andermatt
João Lucas

Nascido Orlando Barreto, na ilha de Santiago em 1967. Pantera deixou-nos aos 33 anos. Estava prestes a gravar um álbum, mas infelizmente nunca chegou a acontecer. Algumas das suas composições, espalhadas pelo repertório de vários artistas, testemunham uma personalidade autoral profundamente singular na sua forma de combinar as raízes tradicionais (originárias sobretudo da ilha cabo-verdiana de Santiago) com uma criatividade exuberante e original, deixando uma prodigiosa herança que transcende largamente o pequeno número de canções divulgadas antes e após a sua morte. A sua imagem e a sua memória constituem hoje uma espécie de culto precioso entre aqueles que tiveram oportunidade de conhecer a pessoa e a obra.

Não faltam exemplos de artistas que hoje singram nas mesmas águas e que foram profundamente afetados pela sua forma de compor, jeito de tocar e modo de cantar. Falamos de alguém que seria hoje, seguramente, um astro maior da cultura de Cabo Verde e mais além, tanto pela riqueza musical e poética das suas composições como pela sua presença eletrizante em palco. Na sua voz pulsava Cabo Verde, dançavam as suas gentes – explorando as formas da tradição, compunha a sua contemporaneidade e dela brotava uma poesia repleta de amor, perspicácia e assertividade.

A sua filha Darlene Barreto, que tinha apenas 6 anos à data de falecimento de seu pai, tem levado a cabo, nos últimos anos, uma profunda pesquisa sobre a vida e obra de Pantera – a vida do pai e a obra do artista. Nesse contexto lança a Clara Andermatt e João Lucas o desafio de criar um espetáculo de homenagem a Orlando Pantera. A memória musical e artística que Darlene tem de Pantera está também de forma íntima ligada a Andermatt e Lucas, não só por intermédio dos testemunhos de sua mãe, como através dos inúmeros registos videográficos, fonográficos, fotográficos e escritos que abundam nos diversos arquivos.

A carreira de Clara Andermatt foi marcada por Cabo Verde, país que também se deixou marcar profundamente pelo seu trabalho. O primeiro encontro dá-se em 1994, com a peça *Dançar Cabo Verde* – em parceria com o coreógrafo Paulo Ribeiro – e que se desenvolve numa colaboração prolongada com a comunidade artística local. Em 1995 assina *Anomalias Magnéticas*, com música de Vasco Martins, e implementa o projeto *CV Sabe*. Em 1998, já em colaboração com

João Lucas, cria *Uma História da Dúvida*, uma grande produção protagonizada por 15 músicos e bailarinos, maioritariamente cabo-verdianos. Entre eles pontifica Orlando Pantera. Esta obra deu origem a uma digressão internacional e manteve-se em circulação até 2001, amplamente aclamada pelo público e pela crítica (Prémio Almada, atribuído pelo Ministério da Cultura, também eleito Espetáculo de Honra, do Festival Internacional de Teatro de Almada).

Na sequência do instigante processo criativo de *Uma História da Dúvida* - que originou uma rede de relações artísticas e vivenciais de grande cumplicidade entre todos os participantes - surge em 1999 o concerto encenado *Dan Dau*. Orlando Pantera, apesar de já não integrar o elenco que se apresentaria ao vivo, tem um papel determinante na conceção e realização deste projeto, assinando várias composições e participando na gravação do CD que regista a música desta peça.

Pantera deixou muito nas nossas vidas, na nossa história musical, muito além de Cabo Verde e muito além de Portugal. Homenageá-lo é um ato essencial para garantir a permanência de uma obra fundamental da cultura cabo-verdiana. Um aspeto muito característico da personalidade de Pantera é o seu lado tão genuíno e tão cru; uma grande simplicidade, uma clareza, uma emoção, uma liberdade jubilosa, uma dor à flor da pele, uma profunda interioridade, uma permanente delicadeza na sua autenticidade. Sobre esses traços procurámos a nossa própria visão, através do conhecimento que temos dele, como ser humano, como homem e como artista, através daquilo que pudemos apreender da maneira como ele se aproximava das coisas e do mundo.

Não quisemos fazer um espetáculo apenas de música do Pantera, tão-pouco ilustrar a dança com a sua música. Esta estará fortemente representada de uma forma vivida e apropriada por nós, pelos artistas desta criação. Algumas são reproduzidas tal como foram compostas, outras utilizadas como novos materiais, digeridas, transformadas, expandidas. Uma visão do mundo herdada por toda uma geração de músicos e artistas que, de algum modo, transportam consigo o contributo de Pantera para a renovação de uma linguagem musical genuinamente cabo-verdiana e contemporânea. Dessa geração sobressai Mayra Andrade, que está connosco no desbravamento deste universo expressivo.

De tal propósito resulta uma apropriação que transforma as palavras de Orlando Pantera em dramaturgia, a sua música em propulsão performativa e as suas raízes artísticas em matrizes de estilização das danças e das sonoridades de Cabo Verde - nomeadamente as formas originárias de sua ilha natal de Santiago, como o *Batuko*, a *Tabanka*, o *Finaçon* e o *Funána*.

Este é, assim, um espetáculo construído nas andanças da memória. É, sobretudo, uma intensa e dinâmica experiência de colaboração. Cada um dos intérpretes estabelece uma relação pessoal no relembrar da sua própria experiência e devolve-nos uma riqueza criativa que se converte no valor e no sentido desta homenagem. Entre o muito que ficou por fazer e o muito que ficará por dizer, este é o nosso abraço para o Pantera.

Clara Andermatt e João Lucas, março 2022

(...) Não faltam exemplos de artistas que hoje singram nas mesmas águas e que foram profundamente afetados pela sua forma de compor, jeito de tocar e modo de cantar. Falamos de alguém que seria hoje, seguramente, um astro maior da cultura de Cabo Verde (...)



Teatro Municipal do Porto
Rivoli ● Campo Alegre

Orlando Pantera (1967–2001)

Orlando Monteiro Barreto, mais conhecido por Orlando Pantera, nasceu a 1 de novembro de 1967 em São Lourenço dos Órgãos, ilha de Santiago, Cabo Verde.

O nome Pantera, segundo familiares e pessoas mais próximas, surgiu pelo gosto que nutria pelos livros de banda desenhada do Pantera Cor-de-rosa, que na altura tinha levado de Angola para Cabo Verde, onde viveu desde o primeiro ano de vida até aos 10 anos. Pantera mostrou desde cedo interesse pela música. Iniciou a sua formação musical aos 15 anos, altura em que interrompeu os estudos para aprender guitarra clássica com o professor José Francisco (Kubala). Para além da guitarra clássica, Orlando Pantera também dominava outros instrumentos, como a guitarra baixo, tendo integrado, como baixista, vários grupos musicais cabo-verdianos: Pentágono, Gama 80 e Capeverdean Jazz Banden. No campo da composição, Pantera destaca-se pela sua forma de escrever e retratar a história, cultura e identidade do povo cabo-verdiano, tendo criado composições icónicas, como é o caso de *Tunuka*, interpretada pelo grupo musical Os Tubarões, e mais tarde incluída no primeiro álbum de Mayra Andrade. Contam ainda do álbum da cantora outras 3 composições da sua autoria: *Dispidida*, *Regasu* e *Lapidu na Bo*. A dimensão do artista Orlando Pantera ganhou visibilidade a nível nacional e internacional com a sua participação em vários festivais e projetos culturais, dos quais se destaca:

– Direção Musical e Composição para as peças *Até ao fim*, *Petu*, *CV Matrix 25*, do grupo de dança Raiz di Polon (1997–2000)

– Músico, Compositor e Assistente de Direção Musical da peça *Uma História da Dúvida* da Companhia Clara Andermatt (1998–1999);

– Músico e Compositor da peça *Dan Dau*, de Clara Andermatt e João Lucas (1999)

– Composição e Direção Musical da peça *Raboita di Rubon Manel* do grupo OTACA, apresentada no Festival de Teatro Mindelact, no Mindelo, ilha de São Vicente (2000)

– Festival Sete Sóis Sete Luas, realizado na ilha de Santo Antão, onde lhe foi atribuído o prémio Artista Revelação (2000)

– Projeto Verão 2000, com gravação da música *Rabidante*

– Documentário *Mais Alma*, de Catarina Alves Costa (2000).

Concluído um dos projetos de Clara Andermatt, Pantera regressa a Cabo Verde para se juntar à família e se focar no seu primeiro trabalho a solo no ano de 2000. Infelizmente, a 1 de março de 2001, altura em que preparava a sua vinda a Portugal, para dar mote ao seu grande sonho, a gravação do seu primeiro álbum *Lapidu na bo* com o grupo ARKORA, faleceu, vítima de uma pancreatite aguda. As suas composições podem ser ouvidas na voz de grupos musicais e intérpretes cabo-verdianos como os Tubarões, Pentágono, Grace Évora, Mário Rui, Lura, Mayra Andrade, entre outros. Para além dos seus feitos no campo artístico, Orlando Pantera também desempenhou um papel importante como professor de iniciação musical e educador social contribuindo para o sucesso e integração social de

vários jovens em situações mais desfavorecidas em Cabo Verde.

Clara Andermatt nasceu em Lisboa em 1963. Considerada uma das pioneiras do movimento da nova dança portuguesa, a sua carreira revelou, ao longo dos anos, uma identidade artística singular no panorama artístico nacional e internacional. Iniciou a sua formação em dança com Luna Andermatt e graduou-se pelo London Studio Centre e pela Royal Academy of Dance, em Londres. Foi bolsista do Jacob's Pillow (Massachusetts, 1988), do American Dance Festival (Durham, 1994) e do Bates Dance Festival (Maine, 2002). Integrou entre 1984-88 a Companhia de Dança de Lisboa, dirigida por Rui Horta, e entre 1989-91 a Companhia Metros, em Barcelona, de Ramón Oller.

Em 1991 cria a sua própria Companhia. Coreografou cerca de 60 peças, regularmente apresentadas em Portugal e no estrangeiro, algumas distinguidas com prémios nacionais e internacionais de referência.

Em 1994 inicia uma forte relação com Cabo Verde, que se materializa em vários projetos de criação com intérpretes locais, ações de formação e colaborações com artistas de diferentes áreas.

Em 2015 é convidada pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira para dirigir artisticamente o projeto LabinDança. A sua linguagem está sempre em processo de reinvenção marcada pela viagem, pelo encontro com outras culturas e outras linguagens artísticas, pela vontade de trabalhar com o corpo treinado e não treinado. O seu trabalho tem uma dupla dimensão, artística e inclusiva.

João Lucas (1964) é pianista, compositor musical e pesquisador. A sua atividade estende-se igualmente à criação performativa e às artes visuais. Com vasta experiência na composição musical para artes performativas, é mestre pela Universidade de Brasília, na linha de pesquisa de Processos Compositivos para a Cena e Doutor, pela mesma Universidade, na linha de pesquisa de Cultura e Saberes em Artes. Profissionalizou-se em 1982, tendo colaborado como músico, produtor e diretor musical em numerosas gravações e espetáculos ao vivo. Editou em nome próprio o disco *Abstract Mechanics* (2009) com a composição musical para a peça *Era uma coisa mesmo muito abstrata*, de Andresa Soares. Em 2013 é editado, em Luanda, *Paisagens Propícias* com o registo da música composta para a coreografia com o mesmo nome, de Rui Lopes Graça para a Companhia de Dança Contemporânea de Angola. Gravou com o violonista Jaime Ernest Dias o CD *Cerrado Atlântico* (2019). A partir de 1989 dedica-se sobretudo à composição de música de cena para teatro e dança. Neste âmbito, colaborou com os encenadores Lúcia Soares, Andresa Soares, Lúcia Sigalho, Marco Martins, Fernanda Lapa, António Feio, e com os coreógrafos Clara Andermatt, João Fiadeiro, Paulo Ribeiro, Rui Lopes Graça, entre outros, tendo assinado a composição de música para mais de oitenta peças.

Mayra Andrade conseguiu, com cinco aclamados álbuns, transcender os seus ritmos tradicionais cabo-verdianos com influências modernas do *afrobeat*. Natural de Cabo Verde, lançou as

suas primeiras canções em 2006. O álbum *Manga*, de 2019, foi bastante aclamado pela crítica e levou a uma digressão internacional de 48 meses, com apresentações em diversos festivais e culminando com o convite para a *performance* do single *Tan Kalakatan* para a plataforma COLORS. Em 2021, Mayra colaborou com vários artistas e participou na banda sonora do filme *The Harder They Fall*, produzido por Jeymes Samuel, com a canção *We Go Harder*. Participou no álbum *Sounds of My World* do produtor e DJ Juls e na canção *Paraíso Que Me Cerca* do rapper brasileiro BK. Desde 2015, Mayra Andrade é a Embaixadora da campanha «Livres e Iguais» das Nações Unidas, com o objetivo de promover o respeito pelos direitos humanos das pessoas LGBTQ+ em Cabo Verde. A sua influência na comunidade nacional e internacional não passou despercebida ao longo dos anos. Bantumen e os seus parceiros reconheceram Mayra com uma das 100 personalidades negras mais influentes do mundo lusófono.

Avelino Chantre nasceu em Cabo Verde. É bailarino, músico, coreógrafo, ator, formador, *performer* e ativista. Entre 1988 e 1998 dedicou-se ao estudo, pesquisa e recuperação de formas tradicionais e costumes africanos (danças tradicionais de Cabo Verde). Em 1992 desenvolve estudos aprofundados em dança contemporânea e contacto/improvisação. Estreia-se nos palcos portugueses com *Dançar Cabo Verde*, de Clara Andermatt e Paulo Ribeiro, para o programa Lisboa 94 - Capital Europeia da Cultura.

Bruno Amarante (Djam Negin) é uma das mais multifacetadas personalidades artísticas de Cabo Verde. Aos seus talentos que passam pela dança, música, teatro, moda, *performance*, literatura, cinema/audiovisual, complementam-se as atividades de promotor e produtor cultural. Nascido e criado em Cabo Verde, na cidade da Praia, cedo revelou o seu interesse pelas áreas artísticas. Venceu vários prémios e distinções, e participou em projetos muito diversos, tendo a oportunidade de trabalhar com prestigiadas personalidades da arte e cultura internacionais. Desde 2011 vem produzindo e realizando vários projetos como o Monday Jazz, o Hip Hop Summer Fest, o Festival Internacional de Dança Contemporânea Kontornu, entre outros, tendo ainda coreografado e participado nos mais conceituados acontecimentos culturais como o Cabo Verde Music Awards, a Gala Somos Cabo Verde, o Kriol Jazz Festival ou o Festival Mindelact. Representou o seu país, lecionando e apresentando os seus trabalhos em Portugal, Espanha, Moçambique, Itália, Estados Unidos da América, Países Baixos e Brasil.

Diogo Picão é músico, compositor e letrista. Nasceu em 1988 na Lourinhã, começou a estudar saxofone na Escola de Jazz de Torres Vedras em 2003 e licenciou-se em Música na ESMAE - Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo, Porto (2009). Terminou a Pós-Graduação em Artes da Escrita na FCSH, Universidade Nova de Lisboa (2018). Durante o seu percurso musical fez parte de várias formações: Big Band do Oeste, Big Band da ESMAE, Tchakare Kanyembe, Jungle Jazz Orchestra, Diabolando, Carlos Barreto, In Loko

Band, João Berhan, Tony Madeira y los Impressionantes, Histórias de Monstros e Outros Bichos. Neste momento integra os seguintes projectos: Sambacalao, Orquestra Latinidade, Banda B.leza. Lançou em fevereiro de 2018 o seu álbum de estreia, *Cidade Saloia*. Continua a escrever, como pão para a boca, canções sobre o quotidiano, as relações sociais, o encantamento da vida, a natureza, as ilusões amorosas e um punhado de outras coisas.

Domingos Sá (Kabum) nasceu em 1967, na Guiné Bissau. É músico, ator, bailarino, percussionista e humorista. Formado em etnomusicologia, percussão, arte dramática, jogos dramáticos, danças tradicionais da Guiné Bissau e artes plásticas. Passou pelos grupos culturais Nhã manhá iabri um bias e Netos de canssala, pela organização dos Pioneiros Abel Djassi OPAD, Ballet Nacional das Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP), Ballet Nacional da Guiné, Orquestra Super Mama Djombo, entre outros. Participou em várias peças de teatro e produções de cinema em vários países: Portugal (Companhia Clara Andermatt); Angola (Dumdumba, Bato Yetto e Kilandu Kilo); Moçambique (Filhos de Gets, Sankofa e Sipane Pane) e Guiné Bissau (Kimbum). Colaborações com artistas individuais: Kota Bonga, Youssou n'dur, Mory Cante, Aliu Bari, Orlando Pantera, Djurdjou, Justino Delgado, Guto Pires, Ildo Lobo, Manecas Costa, Dulce Neves, Binham Guimor, Ramiro Naja, Sidônio País, Eneida Marta, Don Kikas, Maio Coop, Kimi Djabate, Urbano de Oliveira, Jorge Neto, entre outros.

Jorge Almeida nasceu em 1990 na freguesia de Nossa Senhora de Fátima, São Vicente. Cedo teve contacto com a música, iniciando-se aos 8 anos na flauta e aos 12 na prática do violão, na ilha da Boavista, com apoio do seu amigo Robbe Brito (Robbe de Lela). Aos 18 anos entra nas noites do Mindelo, acompanhando cantores nos bares. Aos 20 trabalha no circuito dos hotéis em Boa Vista e surge a oportunidade de colaborar num espetáculo da artista Fattú Djakitê, momento em que inicia a sua carreira profissional. Pela sua versatilidade, Jorge Almeida já acompanhou, entre outros artistas, Dino d'Santiago, Jay Moreira, Élide Almeida, Ceuzany, Dodje, Remna Schwarz, Cremilda Medina e Hilário Silva. Neste momento é o guitarrista da nova banda cabo-verdiana de nome AZAGUA.

José Cardoso (Zeca) tem 46 anos e é natural da Praia, Cabo Verde. Começou o seu percurso na dança em 1994 e já trabalhou com Francisco Camacho, Vera Mantero, Clara Andermatt, Madalena Victorino, Tamango, Margarida Mestre, Rui Nunes e Toni Tavares. Em 2004 ingressou na Companhia Raiz di Polon, tendo participado em vários dos seus espetáculos. Em 2016 criou uma associação cultural sem fins lucrativos que tem como principal objetivo o ensino da dança a crianças de todas as idades.

Nickita Bulú teve aulas de ginástica rítmica entre os 9 e os 10 anos com a professora Elena Atmacheva. O seu primeiro contacto com a dança aconteceu muito jovem, na Companhia Raiz di Polon. Estudou na escola Dança&Arte, na cidade da Praia, dos 14 aos 16 anos. Participou em vários

workshops de dança e de música com Carolina Cox, Elizabeth (Betty) da Raiz di Polon, João Paulo, Waldir, Carlos Ndu, entre outros. Em 2019 participou no Festival Norte Dança, no Porto (Portugal), com a escola Dança&Arte. Em 2019 participou no teledisco da canção *Amor Eterno*, do cantor Manu Reis e, em 2021 no teledisco da canção *Es ca ta reia*, do artista Mário Marta. Em 2021 participou como atriz secundária no filme *O Derradeiro Gesto*, de Mário Almeida, sobre o artista plástico Dudu Rodrigues.

Sócrates Napoleão é cabo-verdiano, filho de mãe de Santo Antão e pai da ilha Brava. Nasceu na ilha de São Vicente em 1974 e estudou na ilha Brava até aos 18 anos.

Aos 23 anos encontra-se com a dança contemporânea, em simultâneo com o teatro, e entra no curso de iniciação teatral do Centro Cultural Português, no Mindelo, ilha de São Vicente.

Inicia-se na área da dança contemporânea da Companhia Clara Andermatt, fazendo parte do elenco de três espetáculos: *Uma História da Dúvida* (1998), *Dan Dau* (1999) e *Void* (2009). Fez *workshops* de dança contemporânea e teatro, participou em dois espetáculos de teatro, frequentou o 1.º ano do curso geral de *jazz* na Escola Moderna de Jazz do Seixal e tocou durante 3 anos em bares e restaurantes em Lisboa, entre 2013 e 2016.

Félix Lozano começou os seus estudos de dança em Madrid, com Carmen Werner. A sua formação vai desde as artes marciais à interpretação, passando por várias técnicas de dança

moderna e dança contemporânea. Depois veio para Lisboa trabalhar como intérprete na Companhia Clara Andermatt. Trabalhou com coreógrafos e encenadores portugueses e estrangeiros. No teatro trabalha como coreógrafo, colaborador, orientador de movimento e/ou como intérprete. Também foi coordenador pedagógico na área de movimento em vários cursos para atores.

Amélia Bentes desenvolve o seu trabalho coreográfico desde 1997 e já esteve representada nos Países Baixos, Alemanha, França, Inglaterra, Itália, Espanha e Brasil.

Foi com *Mar és* (primeiro trabalho coreográfico) que ganhou o 3.º Prémio Nacional do Programa «Novos Valores da Cultura» (1988).

Participou em vários *workshops* que marcaram o seu percurso, designadamente com Steve Paxton, Wim Wandekeybus, Alan Platel ou David Zambrano. Destaca também o seu trabalho para teatro e cinema. Iniciou o seu percurso como bailarina profissional na Dance Alliance (Inglaterra), de Mary Fulkerson. Foi bailarina convidada em vários projetos independentes do grupo Hard Knocks (Nova Iorque). Como intérprete trabalhou também com a Companhia Amsterdam Dance Theatre (Países Baixos). Desde 1992 que faz parte da Companhia Clara Andermatt, tendo começado como bailarina e passando a assistente em várias produções. Acumula ainda a experiência pedagógica, lecionando, desde 2005, na Escola Superior de Dança, além de diversos *workshops* de dança contemporânea dentro e fora de Portugal.

JÁ A SEGUIR: 8 E 9 ABRIL

Dança

Sex, 21h00 – Sáb, 19h00

Palco do Grande Auditório

Moritz Ostruschnjak

YESTER:NOW

Em *YESTER:NOW*, nazis e *hippies*, sinais de paz e símbolos *Bluetooth*, *pop* e política, *punk* e musicais encontram-se nos mesmos termos no mesmo espaço para viver os seus «15 minutos de fama».

Cartazes com *slogans* marcam o presente; a revolta transforma-se num estilo de vida, o conteúdo torna-se em *catchphrase*. Seis bailarinos criam um conjunto de movimentos, dos quais os corpos individuais se conseguem escapar continuamente. A tentativa de lidar com a vasta complexidade das questões mundiais produz uma mistura de simplificações e atitudes próprias do mundo do espetáculo: subtileza é coisa do passado.

Apoio à divulgação **Goethe-Institut Portugal**



APOIO INSTITUCIONAL



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

PARCEIRO INSTITUCIONAL



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2021/2022



PROJETO CCB - CIDADE DIGITAL COFINANCIADO POR



FUNDO EUROPEU
Plano Europeu de Desenvolvimento Regional